

D'A Gazeta de 10-9-1950

A111.499-1

Igreja de São Sebastião

Por ANNETTE DE CASTRO MATTOS

Sempre vimos em meu Pai o batalhador incansável e resolutivo, o homem energético e irrequieto que jamais podia estar inerte, sempre pronto a idealizar, a pensar em alguma cousa para fazer, a lutar com denodo pela causa que abraçasse, sem encontrar impecilhos e esmorecimentos, confiante em si.

Era frequente ouvirmos dos seus lábios a frase: "que nunca, graças a Deus, tivera um momento de desânimo e fraqueza nas lutas pelas quais passara e que quando menos esperava, a Providência Divina vinha em seu auxílio" e, bem que teve altos e baixos na vida...

Gostava da luta, do trabalho incessante e, por isso, por onde passou deixou traços da sua disposição de ânimo, da sua energia sem par, sempre visando o bem comum.

Assim teria de acontecer em Jucutuquara, e assim aconteceu.

E' lembrando as suas palavras em que contava várias vezes e é ainda nos seus trabalhos, nas notas deixadas e escritas naquela letra segura e firme que lhe era peculiar e que conservou até a última vez que escreveu, que tiro os dados necessários a este trabalho.

Quando viemos morar no bairro, Jucutuquara ainda não era

o centro progressista e adiantado que é hoje; estava em princípio.

Meu Pai, como fervoroso católico que sempre foi, procurou logo fazer parte da Conferência de São Vicente de Paula, fundada anos antes. Não existia nem igreja e nem sede própria da Conferência, por isso, os seus membros se reuniam ora em um, ora em outro local, por vezes em uma escola pública, cedida após insistentes pedidos, dela fazendo parte os Srs. Izidro Ferreira de Aguiar, Alvaro Correia de Jesus, Francisco Carvalho, José Vicente, José Malta, Antero Brasil, João Fernandes, Manoel Zeferino do Rosário e muitos outros.

Era Bispo na ocasião D. Benedito Paula Alves de Sousa, que de há muito conhecia meu Pai e a sua perseverança e coragem em qualquer empreendimento a que se dedicava.

Nutrindo êsses vicentinos o desejo imenso de possuir uma sede própria onde pudessem fazer com mais liberdade as suas reuniões, a D. Benedito manifestaram-no e este, louvando a idéia, sugeriu, então que deveriam empregar, nesse caso, os seus esforços na construção de uma igreja que, embora modesta, teria muito maior valia para



a religião e acrescentou, segundo foi depois meu Pai informado pelos próprios companheiros da Conferência, que só acreditaria na realização desse desejo se à frente do mesmo estivesse o Sr. Carlos Mattos.

Aceita a idéia com entusiasmo, realizou-se uma reunião presidida por S. Excia. onde o assunto foi novamente debatido, ficando, então, acertado que a igreja seria construída sob a di-

(Cont. na 2a. pág. da 5a. secção)

reção e contrôlle d'esses vicentinos.

De início pensaram em organizar uma grande comissão para dirigir juntamente com os membros da Conferência os trabalhos e pedir logo o orçamento a um construtor.

Mas, meu Pai, com a prática e tino administrativo que possuía, disse que as grandes comissões, na maioria das vezes, só trazem embaraços em virtude do grande número de opiniões a discutir e as possíveis divergências que poderiam advir das mesmas e que em relação ao orçamento não era aconselhável porque a obra, naturalmente, iria dispendir regular soma de dinheiro, que teriam de recorrer à generosidade pública e que o conhecimento do quantum a ser utilizado poderia trazer desânimos e retraimentos, e o melhor seria, portanto, ir fazendo as obras à proporção que fossem sendo angariados os donativos.

A sua opinião foi acatada e, assim, começaram os primeiros passos para a obra que iriam realizar.

Grande foi a luta, muitas desconfianças surgiram, enorme o trabalho da comissão, muitos foram os pregoeiros de beira de estrada, muitas pedras foram atiradas, a maledicência rastejou daninha, a calúnia e a inveja medraram, mas, nada fez arrefecer o ânimo dos lutadores, que para a frente marcharam, corajosos e confiantes, sob a bandeira de Cristo.

Foram tomadas as primeiras providências: o terreno foi doado por D. Benedito e o seu Secretário, Mon senhor Sérgio Gonçalves, que fôra colega de meu Pai em Itú, em envelope fechado deu-lhe a esportula de Cr\$ 500,00 em nome de "um devoto", que meu Pai dizia sempre estar convencido não ter sido nada mais do que uma maneira discreta de um incentivo de D. Benedito.

A planta, confecção do Dr. Jayme Figueira, sessenta metros los e algum madeiramento do cúbicos de pedras, dez mil tijo antigo mercado municipal, foram doados pelo Dr. Moacyr Avidos.

Meu Pai era terrível para pedir. Estava sempre pedindo, a um e a outro, e sempre conseguia o que queria, tal a insistência em que persistia em seus propósitos.

Leilões, quermesses, festas religiosas e profanas, jogos esportivos, senhoras, senhorinhas e senhores estavam sempre prontos a auxiliar, angariando donativos de uma e outra maneira, para a construção das obras; também pelo interior do Estado foram distribuídas listas e circulares, para a obtenção de brindes e esportulas.

Existindo já considerável importância, foi nomeado o Sr. Valentim Messner, hoje falecido, Tesoureiro, cujo desempenho no cargo foi sempre alvo dos maiores elogios, não só pela maneira desprendida e proba com que sempre se houve, como também pelo zelo e dedicação que demonstrou durante todo o tempo em que serviu, sendo, por motivo de mudança, substituído pelo Sr. Pedro Sorresine que, do mesmo modo,

continuava a obra do seu antecessor.

Dois esplêndidos recitais de piano, em benefício, foram levados a efeito pela Sra. Maria Luiza Carneiro de Campos Muller, pianista laureada pelo Instituto Nacional de Música, em conjunto com sua filha Lucy, atualmente laureada em canto e piano pela Escola Nacional de Música; comissões foram organizadas para percorrer o comércio da cidade, em busca de brindes e donativos, sempre com franco sucesso e um "Livro de Ouro" foi confeccionado.

Meu Pai continuava ativo e entusiasmado, não descançando quasi, pedindo audiências às autoridades, amolando, mesmo, uns e outros, ajudado pelos seus infatigáveis companheiros.

A' nossa casa vinham sempre pessoas confabular, organizar programas, discutir e outras trazer brindes para os leilões. Tudo, porém, era anotado, cuidadosamente relacionado e dado conhecimento à comissão. O balancete era publicado e todos tinham conhecimento do movimento. Disso fazia êle questão.

Foi escolhido São Sebastião para padroeiro da nova Igreja e, no dia 20 de janeiro de 1927, finalmente, teve início a construção com a colocação da pedra fundamental, benzida antes por Frei Valentim Borobia, da Ordem dos Agostinianos, celebrando-se em seguida a missa no altar improvisado e que foi assistida por grande número de fieis.

Continuavam os trabalhos com a mesma animação de início, sempre animadora a coleta de donativos, sendo que a primeira oferta em dinheiro, de particular, foi a do Sr. Niguel Jantorno, com a quantia de Cr\$ 500,00, quantia considerável naquela época; ainda várias vezes o sr. Miguel foi generoso para com as obras da Igreja.

Diversos Prefeitos da Capital, entre êles o Cel. Otávio Indio do Brasil Peixoto, Dr. Alvaro Sarlo, Dr. Paulino Muller e o Dr. Américo Monjardim, muito concorreram com material e importâncias. Também o Interventor Punaro Bley e seus auxiliares diretos foram generosos e auxiliaram a construção; igualmente o Desembargador Celso Calmon Nogueira da Gama, quando interinamente na Interventoria.

Assim é que o Dr. Carlos Lindenberg mandou executar o serviço de iluminação do alto da torre e doou todo o serviço sanitário existente; o Dr. Eitel Nogueira de Sá toda a balaustrada do côro e presbitério e o Dr. Jorge Kafure todo o material necessário ao estaqueamento.

Os donativos particulares, foram, também, de grande valia. A Firma Ernesto Vitel e Comp., proprietária da "Fundição Iguaçu", de Curitiba, no Paraná; ofereceu a cruz de ferro que podemos observar no alto da torre.

A' medida que eram empregados os maiores esforços em pról da construção, no andamento das obras, iam, do mesmo modo, cuidando de munirse dos objetos necessários ao culto, para que se pudesse ir celebrando os diversos atos religiosos, o que era sempre feito, graças aos esforços da comis-

são que sempre os estava solicitando e à boa vontade dos sacerdotes, entre êles, na ocasião, Mon senhor Luiz Cláudio, Padre Leandro, Padre Otávio Moreira e muitos outros.

Foram adquiridos no Rio de Janeiro vários objetos; o Dr. Mário Wanderley fez a oferta de um belo crucifixo para o qual foi feita uma cruz de madeira; da Catedral vieram quatro castiçais um tanto gastos, mas, ainda bons para o uso.

Por meio de subscrições foram adquiridos os paramentos branco, verde e preto e o vernelho foi oferecido pelo Dr. Luiz Pereira Lima, quando aqui esteve a serviço do Tribunal de Contas, do Rio de Janeiro, do qual era alto funcionário; a formosa porta de sucupira, da entrada, foi doada pelo Sr. Avides Fraga, quando Prefeito de Muqui.

Em 1935 foi creada a freguesia de Santa Rita de Cássia, com séde na Praia Comprida, passando a igreja a ser administrada, no tocante aos atos religiosos, pelos padres Agostinianos, continuando, entretanto, as obras a serem dirigidas pelos antigos dirigentes.

Com o auxílio da população e saldo de algumas festas foi feito o belíssimo altar de madeira existente em substituição ao provisório, bem como foram confeccionados os dez primeiros bancos, cujo número tem sido aumentado gradativamente.

Continuando sempre com o mesmo ardor as obras, novos objetos iam sendo adquiridos. Presente do Professor Adolfo Fernandes Ribeiro de Oliveira é o cálice que está em uso, assim como foi presente da Sra. Alice Carneiro da Cunha a primeira toalha do altar, sendo doação de particulares o harmônio e diversos móveis.

A imagem do Padroeiro, a primeira que a Igreja possuiu, foi oferta da Sta. Maria de Lourdes Nogueira, filha do engenheiro Dr. Armando Nogueira Lima, do Paraná, em Vitória a serviço da profissão; as de Santa Luzia e Santa Terezinha foram oferecidas pela Dra. Odette Braga Furtado e sua irmã Sta. Iolanda Braga Furtado; a de Santo Antônio, oferta de Francisco Carvalho e as outras menores, do Sagrado Coração, São Benedito e São Sebastião, das Sras. Maria Bomfim, Maria Luiza Carneiro de Campos Muller e Sr. Euclides Onofre. Atualmente existem outras, também doadas.

Existe uma imagem, entretanto, de regular tamanho, que chama a atenção pela attitude piedosa da sua expressão fisionômica — a de Nossa Senhora da Piedade. Esta, segundo meu Pai dizia, foi adquirida de uma maneira singular. Havia em um cômodo da Igreja de São Francisco, depositadas várias imagens velhas e estragadas pelo tempo e D. Benedito autorizara aos católicos que quizessem retirá-las para restaurar, as de suas devoções particulares, poderiam fazê-lo.

Muitas foram retiradas e a de Nossa Senhora da Piedade lá continuava; talvez que pelo seu estado de mutilação não desperdasse em ninguem, ou pelo tamanho, o desejo de possuí-la.

Observando -a atentamente, viu que o trabalho de restau-

raração seria dispendioso, mas notando tal expressão de bondade e doçura em seu semblante, resolveu retirá-la para a Igreja de Jucutuquara, confiando o trabalho a competente e criterioso artista que, infelizmente, por não dispor de material e ferramentas apropriados a tal serviço, não pôde fazê-lo a contento.

Tempos depois a Sra. Ormin-da Coelho, que sempre se dedicou com zelo e carinho aos festejos religiosos da Igreja, principalmente no mês de maio, mandou preparar a imagem, às suas expensas, o que foi feito pela Irmã Teresa de Novais, do Colégio do Carmo que, como era de esperar, executou uma verdadeira obra de arte.

Essa belíssima imagem é toda ela esculpida em uma só raiz de sucupira e que se presume seja do tempo dos jesuitas, lá está exposta à veneração dos fieis, no templo de Jucutuquara.

Dia a dia mais aumentava a igreja e novos vicentinos surgiram ajudando aos que compunham a primitiva comissão; outras moças, senhoras e senhores apareceram prestando auxílio nas obras da construção novos sacerdotes vieram celebrar os officios religiosos na igreja em vias de conclusão; muitos festejos, de São Sebastião, de maio, do Sagrado Coração, foram sendo realizados; cada vez mais o templo se enchia de devotos nos domingos e dias santificados e, ali na Avenida Paulino Muller, êle se ergue modesto mas firme, pois, tôda a sua construção é de pedra, para mostrar aos homens que nada neste mundo é impossível realizar quando Deus quer.

Tudo depende apenas de coragem, força de vontade, disposição para a luta, pois, muitos são os espinhos que aparecem no caminho, amor ao trabalho, otimismo e confiança ilimitada na bondade Divina.

Quando meu Pai escreveu o "Relatório" que apresentou a D. Luiz Scortegagna, em 1943, do qual extraio os dados necessários a estas linhas, ainda não estavam definitivamente concluídas as suas obras. Havia ainda algo por fazer.

Ele, entretanto, já em idade avançada e com a saúde abalada, continuava a cuidar com o mesmo amor e devotamento, como sempre continuou, orientando, dirigindo, aconselhando sobre êste ou aquele assunto, prevenindo e alertando, com aquela perspicácia que nunca o abandonou, contra os pseudos benfeitores que queriam tomar a si a paternidade de certas obras, enfeitando-se com penas de pavão.

A' nossa casa vinham muitas vezes os seus amigos vicentinos, e outros que faziam parte de comissões diversas, bucar nas suas palavras experimentadas um conselho, uma orientação com referência aos assuntos da Igreja.

Do Sr. Antônio Canhamaque, em quem teve sempre um au-

xiliar dedicado e correto, recebeu a valiosa oferta de todo o taboado para o fôrro da sacristia.

Tôdas às vezes que levava alguém a visitar a Igreja recebia, infalivelmente, um donativo qualquer. Para isso tinha um geitinho todo especial... E sentia um prazer imenso quando mostrava o templo, descrevendo tôdas as minúcias da construção e andamento das obras e o visitante, pouco depois enviava, impreterivelmente, a sua contribuição.

A população aumentou, o bairro tomou novo impulso e a Igreja já se tornava pequena para conter os fieis, porisso, o altar foi recuado e o presbitério sofreu uma pequena modificação, aumentado o corpo do edificio; a sacristia passou a ser do outro lado, anexa à sala de reuniões. O mais continua como no estado primitivo — a construção sólida e sóbria, firme, que é.

Muitos foram os derrotistas e incrédulos que apareceram durante o longo período de trabalho, mas, inúmeros foram também os que ajudaram, num verdadeiro espírito de solidariedade e de boa vontade deram

um pouco de seus esforços nessa obra que se tornou realidade, cujos nomes é impossível enumerar.

Meu Pai teve, como diversos outros dos seus companheiros de ideal, a ventura de ver terminada a Igreja cuja construção lhes fôra confiada. Lutaram, mas levaram até ao fim a tarefa.

Sempre dizia que desejava, a exemplo do que era usado em sua terra, que seu corpo ali descansasse por alguns instantes antes de empreender a caminhada para a longa viagem da qual não se volta.

E, quando adormeceu para sempre, conservando até o final instante aquela lucidez, aquela memória e equilíbrio de espírito, apesar dos seus 82 anos, que a todos causa inveja e admiração, um amigo vicentino, cuidadoso e prestimoso, sem saber do seu desejo, veio dizer à família que o corpo deveria ser levado para a Igreja a qual dedicara sempre especial estima.

Foi satisfeita a sua vontade.

"E por aquele Templo que sempre teve verdadeira adoração e zelo, vimo-lo, com seu corpo inanimado, no dia 11 —

terça-feira — debaixo do teto santo que edificou, receber as palavras que se cantam no officio dos mortos "Requiescat in pace" (Descance em paz).

"Sentiamos então, que aquele varão caído, gozava de uma imensa satisfação por estar repousando no Templo para o qual deu uma grande parte de suas forças.

"Sentiamos ainda que parodiando Jesus Christo, dizia "Consumatum est", assim se expressou a seu respeito em palavras comovidas o Vereador Máximo Varejão, no discurso que proferiu na Câmara dos Vereadores desta Capital.

Realmente, devia estar contente, pois, fôra cumprido o seu desejo.

Vitória, setembro de 1950.

11.399-3